

— Com licença



— Com licença — disse Fazal Elahi —, o pedinte tinha um pássaro mágico que, em vez de voar para o céu, voava para dentro das pessoas e, quando voltava para o ombro do dono, cantava uma melodia, ou seria um verso?, tanto faz, adiante, e essa melodia, ou poema, conforme fosse uma coisa ou a outra, era a mais perfeita tradução da alma que o pássaro acabara de visitar, com todos os quartos e divisórias que as almas têm, com as mesas cheias de doces velhos, com o chão forrado de tapetes feitos à mão, com as lâmpadas fundidas, com o Alcorão deitado junto à cama. Accha! Esse pedinte chamava-se Tal Azizi e acreditava que os homens têm duas almas, olha para os meus dedos, Isa, duas almas, uma, duas, vês? Uma que está dentro do corpo e outra que está dentro do céu, como um pensamento está dentro do cérebro, como o verbo sentar está dentro das cadeiras. Há muito tempo, glória a Alá, essas almas viviam juntas, eram marido e mulher, antes de o tempo ter começado a existir, antes de o tempo ter começado a envelhecer-nos, a apodrecer o pão, a abrir buracos na roupa, a fazer as cadeiras ranger, a arruinar as casas, a abandonar os velhos, a deixar ossos por todo o lado, a fazer

iogurte do leite fresco. Antes disso, meu pequeno Isa, antes disso era tudo uma unidade, como esta mesa e a madeira de que é fabricada.

Foi isto que Fazal Elahi disse, mais para si do que para Isa, o rapaz magro, tão magro, e calado — era raro falar — que estava sentado ao seu colo. Pela janela entrava uma luz avermelhada, de final de dia, que abria caminho pelo ar denso até se deixar cair no tapete do chão da sala. Elahi estava sentado junto a uma mesa de madeira folheada revestida de fórmica, redonda, coberta por uma toalha de plástico e alguns insectos mortos. Em cima da toalha havia três pequenas jarras enfeitadas com flores, sendo a do meio a mais alta e de vidro transparente. As das pontas eram brancas. Todas tinham rosas vermelhas de plástico, com gotas de cola a fazer de gotas de água. As mãos de Fazal Elahi tremiam enquanto tirava um cigarro do bolso da camisa de linho. Passou os dedos pelo nariz, cheirou o cigarro, verde-acastanhado, fininho, atado com corda de cânhamo. Com licença, disse ele, e, do bolso das calças, tirou um isqueiro, acendeu o cigarro, expeliu o fumo contra o ar à sua frente. Com a mão esquerda pegou numa chávena de chá e levou-a à boca, sentiu o calor a envolver-lhe a língua, o palato, os dentes, o nariz, a garganta, enquanto Isa se mantinha encolhido debaixo do fumo que se enrolava com a luz da janela.

Aminah, irmã de Fazal Elahi, agarrada à ombreira da porta da sala, com as unhas compridas cravadas na madeira velha, gritava:

— Uma vergonha! Uma vergonha para a nossa família!

Elahi tinha trazido um miúdo para casa, uma criança da rua, pior ainda, cristão, pior ainda, um americano. Fazal Elahi sentara-o nos seus joelhos e, com esse

gesto simbólico, pois era assim que se fazia no tempo de Abraão, o primeiro monoteísta, adoptava-o e fazia-o herdeiro da fortuna que ele garantia não possuir.

Isa tinha: uns cabelos pretos, um corpo magro, uns lábios secos. As pernas eram arqueadas, ossudas.

— Uma vergonha! — insistia Aminah.

Isa esfregou os olhos por causa do fumo. Olhou para Fazal Elahi, que parecia alheado dos gritos da irmã, e voltou a esfregar os olhos.

Uns meses antes desta vergonha que Aminah gritava,
tinha acontecido uma grande tragédia.

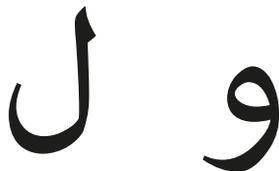
Quando Salim nasceu, Fazal Elahi abriu
as mãos para cima num gesto



Quando Salim nasceu, Fazal Elahi abriu as mãos para cima num gesto de felicidade, com os braços para os lados, com os braços a tremer, com os braços ossudos, com a pele suada e brilhante. Glória a Alá, disse Fazal Elahi, glória a Alá. A luz entrava por uma pequena janela da apertada divisória do hospital e batia nas paredes, escorrendo com a humidade, desenhando pequenos veios em cima da tinta. Elahi reparou nas gotas de água na madeira branca da porta, quis contá-las, começou a fazê-lo mentalmente: um, dois, três, quatro, cinco, quis desistir, seis, sete, quis desistir com mais força, oito, nove, não conseguia parar, dez, onze, doze, treze, estava muito nervoso. Atrapalhou-se com a contagem quando a sua mulher disse qualquer coisa que ele não percebeu. Fazal Elahi reparava no modo como a água, como as pequenas gotas de água prendem a luz dentro delas. Como nós, os homens, pensou Fazal Elahi, pequenas gotas que são armadilhas para a luz, Alá seja louvado. Olhou finalmente para Bibi, a sua mulher, baixando os braços. Tinha a camisa colonial com manchas de suor, uns colarinhos com décadas de atraso em relação à moda, mas conforme a arquitectura do hospital, conforme as janelas pequenas e grandes e os

estores partidos, conforme a madeira a desfazer-se debaixo do sol e da chuva, debaixo dos anos, debaixo dos gritos dos pacientes e dos nascituros e das mães e dos moribundos. Usava calças de linho branco, tinha barba e cabelo pretos. O penteado era alisado com brilhantina, que derrapava para a testa e para a nuca, fazendo brilhar a pele mais do que fazia brilhar o cabelo. Bibi tinha ao colo uma criança, um recém-nascido, o seu filho. Fazal Elahi viu-lhe as mãos fechadas, é assim que nascemos, pensou ele, com os punhos cerrados, o meu filho não agarra em nada senão nele mesmo, mas aos poucos aprenderá a abri-las, aprenderá que para ter coisas é preciso abrir as mãos, só assim se consegue amar, não é, Bibi? Só assim se consegue dar a mão, só assim se consegue pentear os cabelos. Muito bem. Ele aprenderá a agarrar em coisas, em coisas perfeitamente diferentes, nos teus cabelos, querida Bibi, nos meus dedos tortos e, mais tarde, numa arma, peço perdão, queria dizer nas contas de oração, adiante, ou nos peitos da sua mulher ou, se for a vontade de Alá, noutras mãos fechadas, sim, noutras mãos fechadas, inshallah.

Fazal Elahi pegou nas mãos do filho recém-nascido e, emocionado, levou-as à boca. Tinha lágrimas nos olhos. Accha! É do tamanho do meu Alcorão, pensou Fazal Elahi olhando para o filho, mas parece mais profundo, e os cabelos são letras do melhor calígrafo, este parece um lām, aquele parece um wāw.



— O que estará escrito num cabelo despenteado? — perguntou Elahi em voz alta.

Bibi olhou para ele, com as sobrancelhas escuras e pesadas, mas não disse nada. Elahi encostou a boca à orelha direita do filho e sussurrou: Com licença, não há outro Deus senão Alá, e Maomé é seu Profeta. De seguida, tirou umas tâmaras do bolso da camisa, mastigou um pedaço de uma delas, a que lhe pareceu mais doce, e com os dedos passou o suco pelas gengivas do bebé. Ouviu-o soltar um vagido tímido, quase inaudível.

— Julgava que os bebés, quando nasciam, choravam muito alto. Peço muita desculpa, mas julgava mesmo, pensava que ocupavam o mundo todo com os seus primeiros berros, mas afinal são mais uns gemidos do que uns berros, não é, Bibi?

— Deve ser. Que sei eu? Este chora assim, outros talvez chorem mais alto.

— Tens razão, não sei o que digo, uns choram mais, outros menos. Somos todos diferentes, não é, luz da minha alma? Desde que saímos do útero, se calhar até antes. A minha irmã, quando nasceu, contou-me o meu pai, não disse nada, nem sequer abriu a boca, tiveram de a espancar para que desse sinal de vida.

— Não sei nada disso. A mim, o meu pai batia-me todos os dias. Não era para que chorasse, era para que me calasse. Engoli tanto choro que nem sei como não fiquei salgada por dentro. Põe o bebé no berço para ele dormir.

— Ele não precisa de mamar?

— Não sei. Pousa-o no berço e vai abraçar o teu primo. Precisamos todos de descansar.

Bibi tinha a cara inchada, estava toda despenteada, com os cabelos molhados do suor e colados à testa, mas estava, segundo Fazal Elahi, maravilhosa, resplandecente e gloriosa. A pele castanha de Bibi estava avermelhada, os lábios tremiam-lhe ligeiramente e tinha os olhos brilhantes.

Escorriam-lhe lágrimas, que não eram de felicidade mas do esforço do parto. Elahi, depois de fixar a mulher e de sentir uma espécie de enlevo místico ao observá-la, baixou a cabeça, como sempre fazia. Era a sua maneira de viver, com os olhos apontados para a terra, com o olhar descaído. Pousou Salim, todo vermelho do nascimento, no berço. Fê-lo muito devagar, com muito cuidado, e tudo era calmo, como uma tarde sentada num tapete a beber chá verde.

Silêncio.

Tudo era calmo, apesar dos gritos à sua volta, dos gritos que vinham do corredor, dos gritos que vinham do lado de lá dos cortinados da cama contígua, da música que vinha do rádio de alguém. Fazal Elahi olhava para o filho, maravilhado: nunca tinha visto nada tão grande aparentar ser tão pequenino.

Passou o indicador pela bochecha do bebé.

— Com licença, vou ter com o meu primo, querida Bibi, desculpa. Parece-me que o Salim deve querer mamar, está com a boca aberta, parece um peixe quando o tiramos da água para lavar o aquário.

Bibi pegou no filho e pô-lo a mamar. Elahi desceu as escadas para o piso térreo. Espero que a última acção do meu filho, pensava Elahi, seja uma gargalhada, para equilibrar a primeira, que foi chorar. Passou por dois

médicos, quase derrubando, com a sua felicidade, um deles. Cuidado, gritou-lhe o médico, mas Elahi não ouvia nada à sua volta, excepto uma antiga melodia persa que aprendera em criança e que agora se repetia e lhe enchia a cabeça e lhe escorria pelas barbas e pelas roupas. Fora dele, dos altifalantes do hospital, soltava-se a voz do muezzin. Na sala de espera estava o seu primo Badini. Abraçaram-se.

— É um rapaz, dos que choram baixinho.

Badini sorriu.

Um homem que ouvia a conversa disse que também tinha acabado de ter a felicidade de ser pai, glória a Alá!, e acrescentou: filhos da puta dos bebés, que nos deixam como as mulheres, todos delicados.

— Vamos para casa? — perguntou Elahi.

O primo, que era mudo, respondeu inclinando a cabeça, uma cabeça enorme, desproporcionada em relação ao corpo. Porque Badini rapava o cabelo, a barba, as sobrancelhas, e ainda cortava as pestanas, ficava com um rosto terrível, como um insecto muito grande, ou como o universo antes de nascer. Olhava os outros com uns olhos demasiado negros, um escuro sem luz que lhe saía das pupilas, bocados de noites pretas. No entanto, parecia estar sempre sorrir. Quando se olhava para ele, dava a sensação de estar contente. Mas era uma forma de ataraxia. O mudo não deixava que o mundo lhe tocasse e não se envolvia no mundo, vivendo num espaço demasiado interior, demasiado dentro. Tinha pernas curtas e braços curtos. Uma das mãos, que eram as suas palavras, tinha menos um dedo, que lhe caíra quando era miúdo. Um mindinho todo negro que havia desistido antes do resto do corpo.

Fazal Elahi percebia-o muito bem, melhor do que se o ouvisse. Sempre que olhava para as mãos dele, era como se visse o seu próprio pensamento, e, por vezes, não

tinha a certeza absoluta de ter ouvido as mãos do mudo ou ter atribuído, ele próprio, os seus pensamentos às mãos de Badini.

Quando saíam do hospital, cruzaram-se com Dilawar Krupin, que vinha ofegante, com um kameez castanho, umas contas de oração na mão direita e as faces coradas. Os seus olhos azuis eram muito redondos, quase fora das órbitas, quase a cair no chão. Os três homens cumprimentaram-se. O mudo Badini afastou-se uns passos enquanto Fazal Elahi contava as novidades a Dilawar. Com licença, Dilawar Krupin, já sou pai, é um rapaz, dos que choram baixinho, glória a Alá. Dilawar sorriu, mas parecia desconfortável e mexia os lábios de um lado para o outro, como um rato. Fazal Elahi perguntou-lhe pelo pai, o general Ilia Vassilyevitch Krupin, e o outro respondeu que o pai estava bem, como sempre, forte como uma tempestade, forte como o Hindu Kush, forte como um galo de luta. Que Alá o proteja, disse Elahi. Dilawar Krupin continuava a mexer os lábios, a remexer as mãos. O mudo Badini, afastado uns passos, reparava nesse comportamento e interrogava-se. Fazal Elahi despediu-se de Dilawar, que se despediu dele e do mudo com um movimento da cabeça e uma frase de cortesia. O sol descia na vertical, caindo em cima das cabeças, queimava tudo àquela hora, furava os corpos e chegava às almas, aos intestinos, aos ossos. Dilawar subiu as escadas para o primeiro piso do hospital enquanto Elahi se afastava com Badini, que, com as mãos, lhe perguntava o que é que ele estaria a fazer ali. Fazal Elahi olhou para as mãos do primo, que, mesmo quando dizia as coisas mais vulgares, como pedir o saleiro ou cumprimentar alguém, parecia poesia. As mãos de Badini mexiam-se como poemas.

— Não sei — respondeu Fazal Elahi.

— É estranho, parecia nervoso,
será que o pai
mergulhou na doença? — perguntou o mudo,
com as mãos delicadas.

— O general? Não. Está saudável como uma mon-
tanha.

— Talvez alguém próximo,
alguém da família?
As tragédias gostam
da nossa intimidade,
de se sentar connosco
a beber chá.

— Está tudo bem com a família, foi o próprio
Dilawar que me disse. Se houvesse notícias dessas, ter-
me-ia dito, não é?

— Então, o que é que
ele estará a fazer aqui?

— Não faço ideia, primo, não faço ideia. Conheces
o Dilawar, talvez ande de olho em alguma enfermeira, ele
gosta de mulheres, quem o pode censurar? Mas com isso só
se arranja problemas, não é? Depois temos de lhes comprar
perfumes e chocolates e levá-las a passear, que tormento.
Uma mulher tem de ser passeada, é assim mesmo, como
os cães das velhas francesas.

Continuaram a caminhar calados, um ao lado do
outro. Fazal Elahi chamou um táxi e regatearam o preço da
viagem. Elahi disse ao taxista, com licença, o preço que me
pede dá para chegar a Paris de avião, e o condutor respon-
deu que o melhor era Elahi começar a aprender espanhol,
porque não baixaria o preço. O mudo sorriu. Fazal Elahi
pediu desculpa, mas que em Paris não se fala espanhol, e
continuou a tentar, com o seu tom de voz rasteiro, reduzir
o preço para metade, depois para dois terços, depois para

apenas três quartos, e por fim já só regateava uma quantia tão insignificante que o taxista aceitou.

No hospital, havia humidade a escorrer pelas paredes, mas Dilawar não reparou. Subiu os degraus dois a dois, excepto os últimos três. Percorreu um corredor atolado de gente e de gritos, desviando-se das macas, dos doentes que estavam sentados no chão, dos doentes que estavam deitados no chão, dos enfermeiros e das enfermeiras. A sua boca ainda se mexia como um rato a comer, a respiração continuava ofegante. Parou em frente a uma porta sem reparar nas gotas de água condensadas na madeira branca, sem reparar como estas aprisionavam a luz dentro delas, tal como os nossos corpos aprisionam as almas e as dores. Olhou para os seus sapatos, cheios de pó, pensou que deveria tê-los engraxado.

Sem bater à porta, entrou no quarto de Bibi.